

FSP
22/6/97 5-15-25-16
UC/Raposo 154

CIÊNCIA

O espelho do Brasil

Historiadores, teólogos e marxistas tentam desvendar o fenômeno Canudos até hoje

especial para Folha

Exército, política, religião, raça, praticamente todas as instituições, todos os conceitos caros a um país tiveram papel importante na crise de Canudos em 1896-97.

Parte razoável da multidão de pesquisadores que se ocupou do tema durante um século não fugiu ao clichê de chamar o episódio Canudos de um "espelho" do Brasil. A comparação pode ser um lugar-comum, mas é perfeita para explicar o próprio esforço coletivo de compreensão do fenômeno.

O "espelho" Canudos reflete nitidamente quem se põe a observá-lo. Alguns dos melhores exemplos de anacronismo histórico podem ser encontrados entre religiosos e marxistas.

Para os adeptos da Teologia da Libertação, a ala esquerdista da Igreja Católica latino-americana, Canudos era um exemplo precoce de luta armada de camponeses sem terra, apoiados por um pregador católico militante, contra a exploração de latifundiários (curiosamente, um padre da região chegou recentemente a imitar o próprio estilo de Antônio Conselheiro, longa barba e longa bata).

Já para marxistas tradicionais

era um pouco mais complicado engolir o repúdio de Conselheiro à República, com a sua mais moderna separação entre Igreja e Estado. "Ao estado burguês apoiado pelos latifundiários, Antônio Conselheiro opunha a comunidade socialista", escreveu, por exemplo, Edmundo Moniz.

O Exército também relutou em reconhecer seus erros na campanha. Os erros profissionais foram analisados e em parte sanados nos anos seguintes, como o desenvolvimento de um serviço de logística (suprimentos) mais moderno. Já os erros políticos demoraram mais. De uma obra como a "História do Exército Brasileiro", publicada em 1972 pelo Estado-Maior do Exército, não consta a descrição do massacre dos jagunços prisioneiros. Só nos últimos anos é que esse fato tem sido reconhecido por historiadores militares.

Mesmo na época a confusão era grande. Conselheiro e seus seguidores eram acusados de querer restaurar a monarquia.

Também lhe foi imputado ser um líder messiânico e sebastianista (querer a volta do rei português Dom Sebastião, desaparecido em guerra contra mouros no século 16). (RBN)



Foto de Flavio de Barros mostra soldados do Exército em acampamento durante a guerra de Canudos



Balas resgatadas por arqueólogos históricos no parque de Canudos

A resistência

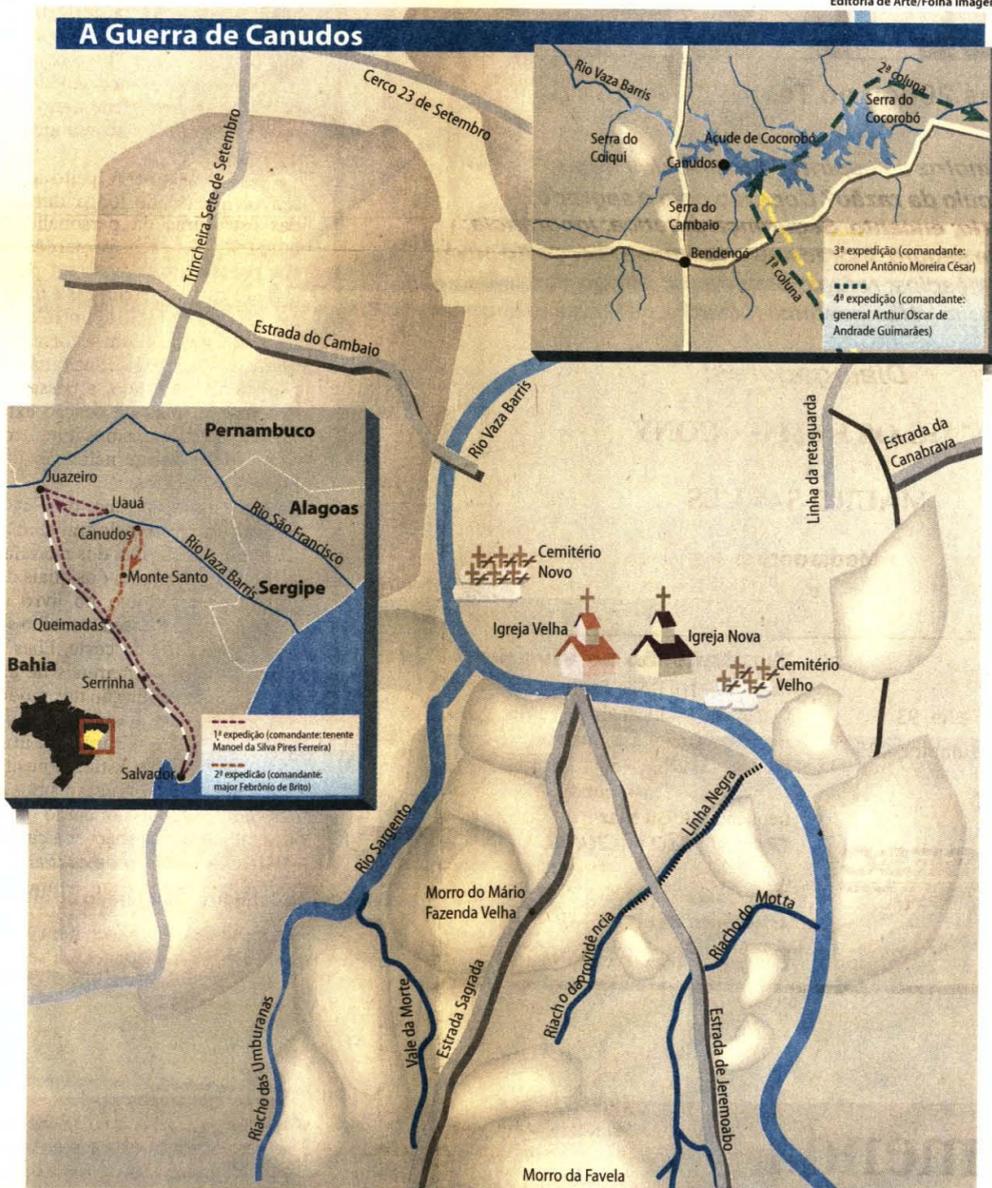
especial para Folha

Por que Canudos pôde resistir tanto tempo ao Exército brasileiro? A resposta está tanto na habilidade dos jagunços, como na falta de preparo para a guerra por parte do Exército. A maior parte dos estudos sobre a guerra parte da ótica militar — de como atacar Canudos, por que meios e por que rotas. Já o trabalho de arqueologia histórica iniciado pela Uneb pretendia conseguir subsídios para entender como se dava a "geo-estratégia" defensiva jagunça, segundo dois de seus pesquisadores, o arqueólogo Paulo Zanettini e o geólogo Jorge Glauco Costa Nascimento.

Eles notam que Canudos era um local onde havia água fácil e um entroncamento de estradas para

onde facilmente confluíam víveres e munição. Depois dos primeiros incidentes com a polícia, dizem, Conselheiro optou por fazer de Canudos uma base segura.

Já o Exército sofria por ter uma logística primitiva e por ter táticas que não acompanhavam a evolução do armamento. Por exemplo, havia metralhadoras em algumas expedições, mas seu impacto na luta foi pequeno devido a um uso tático errado. Atacando de "peito aberto", como descreve o historiador Marco Antonio Villa, da Universidade Federal de São Carlos, eles eram vítimas fáceis dos atiradores jagunços abrigados em trincheiras, que os militares com noções retrógradas consideravam algo "covarde", em vez de óbvio bom senso. (RBN)



FSP
22/6/97 cont.
154

CIÊNCIA

CANUDOS VIRA PARQUE

Palco de combate entre Antônio Conselheiro e seus jagunços e o Exército agora é administrado pela Universidade do Estado da Bahia

RICARDO BONALUME NETO
especial para a Folha

Canudos, a cidade rebelde no interior da Bahia destruída por uma campanha militar em 1897, está lutando agora para tentar resgatar parte importante de seu próprio passado — o que materialmente resta dele. Faz cem anos que a epopeia do beato Antônio Conselheiro e seus jagunços é incansavelmente debatida por historiadores, sociólogos e curiosos de todo tipo, brasileiros e estrangeiros.

Agora é a vez da arqueologia histórica participar do debate, resgatando a "cultura material" dos habitantes do arraial e das tropas do Exército que o destruíram.

O estudo arqueológico de Canudos ganhou um novo alento com a inauguração do Parque Estadual de Canudos, administrado pela Uneb (Universidade do Estado da Bahia), no último dia 13. Mas as condições do próprio parque exemplificam os desafios que a pesquisa científica terá pela frente.

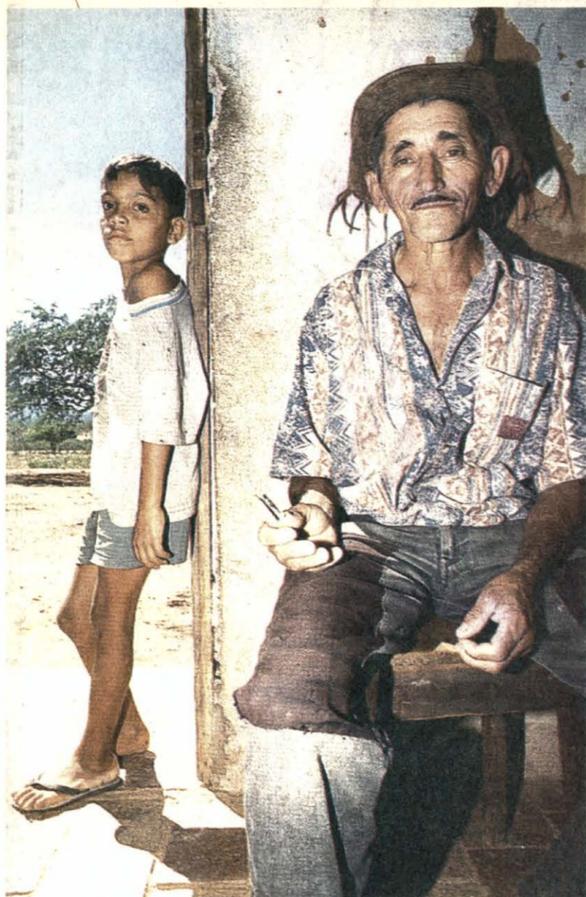
Como que simbolizando a terra arrasada em que se transformou Canudos, a mais imponente construção no recém inaugurado parque ainda é o seu pórtico de entrada, um arco de pedra sobre a estrada de terra que penetra em sua área de 18 quilômetros quadrados.

Até outubro, quando se relembra o centenário da queda do arraial, deverá estar pronto um centro de acolhida ao turista. As principais ruínas de Canudos estão debaixo d'água. A Canudos atual é a terceira cidade com esse nome. A de Conselheiro foi destruída. A que foi reconstruída foi inundada pelo açude Cocorobó em 1968.



Crianças brincam na açude Cocorobó, que inundou Canudos em 1968; águas escondem o arraial, cujas ruínas pesquisadores tentam agora recuperar

Fotos Moacir Lopes Jr/Folha Imagem



Portal de entrada do Parque Estadual de Canudos, inaugurado no último dia 13

Pedro Oliveira dos Santos, descendente de jagunço fiel a Antônio Conselheiro, e seu filho Paulo, em sua casa. No terreno de Santos foram encontradas balas da época da batalha de Canudos



Morador passa em frente ao Museu de Canudos, hoje abandonado

Cientistas resgatam história local

especial para a Folha

Faz dez anos uma equipe multidisciplinar iniciou um trabalho arqueológico em Canudos. Mesmo sabendo que o arraial de Conselheiro estava debaixo d'água, ainda havia potencialmente muito o que pesquisar. Mas a política estadual — mudança de governador etc — se encarregou de minar o esforço, aos poucos sufocando a equipe por falta de verba.

Canudos é um bom exemplo potencial dos objetivos da "arqueologia histórica". Em vez de ser um mero complemento às pesquisas baseadas na documentação, essa disciplina permite a obtenção de informações inéditas sobre os grupos que não produziam, ou produziam poucos, textos escritos.

Os trabalhos preliminares puderam descobrir, por exemplo, um sistema de trincheiras e de pontos-fortes bem posicionados, capazes de aproveitar a capacidade maior das novas armas de repetição, e de fazer jus às habilidades típicas dos jagunços para as emboscadas. Canudos era um osso duro de roer, algo que o Exército logo descobriu. (RBN)

CRONOLOGIA

■ **1828** - Antônio Vicente Mendes Maciel, depois conhecido como Antônio Conselheiro, nasce em Quixeramobim (CE).

■ **22/11/1874** - O semanário sergipano "O Rabudo" publica um texto sobre um "misterioso personagem", conhecido como Antônio dos Mares, que peregrinava pelo sertão nordestino — a primeira menção conhecida da carreira de Antônio Maciel.

■ **Década de 1880** - Conselheiro

prossegue nas suas tarefas junto aos sertanejos e cria inimizades com lideranças políticas e religiosas da região.

■ **Maiço de 1893** - Policiais tentam prender Antônio Conselheiro, mas são derrotados em Masseté, município de Tucano (BA).

■ **13/6/1893** - Como consequência da perseguição policial, ele se muda com seus seguidores para o antigo sítio conhecido como Canudos, rebatizado por Conse-

lheiro como Belo Monte.

■ **6/11/1896** - Parte de Salvador a primeira expedição contra Canudos, comandada pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira.

■ **21/11/1896** - Em Uauá, a coluna de Pires Ferreira é atacada de surpresa por cerca de 500 jagunços de Conselheiro e forçada a se retirar, sofrendo dez mortos.

■ **25/11/1896** - Partem de Salvador as primeiras tropas da se-

gunda expedição contra Canudos, comandada pelo major Febrônio de Brito.

■ **18 e 19/1/1897** - A coluna ataca, mas é repelida pelos jagunços. O comandante ordena a retirada. Perda de dez mortos.

■ **6/2/1897** - Chega a Salvador o Coronel Antônio Moreira César para comandar a terceira expedição. As forças começam a marchar tão logo ele chega, totalizando cerca de 1.500 homens.

■ **3 e 4/3/1897** - Ataque repentino contra Canudos resulta em derrota da expedição e morte de Moreira César. Morrem 116 oficiais e praças.

■ **Março de 1897** - A quarta expedição contra Canudos, comandada pelo general Arthur Oscar de Andrade Guimarães, é organizada. Tropas vêm de todo o país — são mais de 10 mil homens, cerca de metade do Exército da época.

■ **Junho de 1897** - Partem as colunas e começam os combates.

■ **5/10/1897** - Ataque final, fim da resistência e massacre dos prisioneiros.

■ **1902** - Euclides da Cunha, engenheiro, ex-tenente do Exército e repórter enviado pelo jornal paulista "O Estado de S. Paulo" à guerra de Canudos, publica "Os Sertões".